

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIFESP
ESCOLA DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Elienai Branchini Gonçalves Soares

Relatos da EJA: Estudar... para quê mesmo?

Graduação em Pedagogia

Guarulhos

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

UNIFESP

**ESCOLA DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Elienai Branchini Gonçalves Soares

Relatos da EJA: Estudar... para quê mesmo?

Graduação em Pedagogia

Trabalho dissertativo apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de São Paulo como exigência para a obtenção do Título em Graduação pelo Curso de Pedagogia da Unifesp-Guarulhos, sob. Orientação da Professora e Doutora Mariângela Graciano.

Guarulhos

2021

ELIENAI BRANCHINI GONÇALVES SOARES

Relatos da EJA: Estudar... para quê mesmo?

Trabalho dissertativo apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de São Paulo como exigência para a obtenção do Título em Graduação pelo Curso de Pedagogia da Unifesp-Guarulhos, sob. Orientação da Professora e Doutora Mariângela Graciano.

Aprovado em: ____/____/____

Prof.Drº - Marcos Cezar de Freitas – CPF - _____

Universidade Federal do Estado de São Paulo.

Profª Drª - Rosário Silvana Genta Lugli - CPF- _____

Universidade Federal do Estado de São Paulo.

Para meu esposo José, meu filho Jônatas, minhas filhas Suélen e Esther.

Aos meus pais Paulo e Marly.

Motivos da minha existência, fortalecimento do meu ser no caminhar.

Amores incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Depois de doze anos da EJA, consigo chegar a UNIFESP (2016). Neste período que fiquei na graduação, toda vez que eu pensava em desistir pelas dificuldades, eu imaginava o dia em que estaria escrevendo estas palavras, porque sabia que estaria chegando ao final desta etapa. Foram cinco anos de muita dedicação e trabalho.

Hoje (2021) tenho somente a agradecer, primeiramente a Deus, em que busquei Fé, esperança e forças nos momentos mais complicados neste processo, de quem obtive consolo e respostas. Tiveram pessoas maravilhosas que me apoiaram, acreditaram no meu sucesso e não mediram esforços para que eu chegasse nesta etapa, dos quais agradeço de todo coração:

Ao meu esposo José, que sempre me ajudou e me apoiou em tudo. Aos meus pais, Paulo e Marly pelo amor, e a fé que depositaram em mim. Aos meus filhos: Jônatas, Suélen e Esther, pelo apoio e amor em que sempre me acolheram, que são as maiores motivações da minha existência.

Ao meu irmão Eber, (*In memoriam*), a seu amor eterno. E aos outros irmãos: Abner, Eliezer e Ana Edeli pelo carinho e apoio sempre. E, aos meus sobrinhos, sobrinhas, cunhadas e cunhado pelo acolhimento e apoio.

Agradeço a Universidade (UNIFESP) que me acolheu, proporcionando a mim momentos de conhecimento e interações, vezes animadas, vezes tensas, mas sempre com muito responsabilidade social. Aos professores todos do curso de Pedagogia, que tive o privilégio de interagir. Contribuíram de forma brilhante para minha formação.

À minha querida professora orientadora Mariângela Graciano, gratidão pela dedicação a mim dispensada, e da grande contribuição neste Trabalho de Conclusão de Curso. Aos meus queridos professores, Rosário Silvana Genta Lugli e Marcos Cezar de Freitas que aceitaram de bom grado serem pareceristas deste Trabalho.

A professora Fabiana, e não poderia deixar de agradecer, os educandos(as) da turma da EJA do Colégio CEU Pimentas Jeanete Beauchamp, que muito contribuíram com este trabalho, na Roda de Conversa e nos dias em que estive em Imersão, no qual falamos de nossas experiências de vida e anseios.

“Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs.
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar.
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá.
Nós podemos tudo, nós podemos mais lá fazer o que será.”

Gonzaguinha

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta o Relato de Experiência vivido durante o período de imersão no Programa Residência Pedagógica – Educação de Jovens e Adultos (PRP-EJA), destacadamente a elaboração e aplicação da Ação Pedagógica, nos dias 8 e 9 de 2018, no Colégio CEU Pimentas - EPG Jeanete Beauchamp. Tendo por objetivo geral a reflexão compartilhada entre educandos(as) e egressos(as) da EJA sobre: 1) Causas do abandono escolar na infância e adolescência, 2) consequências do abandono escolar e 3) das motivações para o retorno Escolar. O processo de escuta aos educandos foi organizado por meio de Rodas de Conversa (PESCE & ABREU, 2013) e as análises das reflexões e proposições do grupo foram feitas à luz das contribuições de Galvão & Di Pierro (2007); Arroyo (2017) Pedralli & Rizzatti (2013) e Freire (2002). Outros teóricos também tiveram sua contribuição: Ferrari (2011); Pesce & Abreu (2013) e Casarino, Quevedo & Gervasoni (2014). Como principais resultados destaco o novo olhar que tenho hoje sobre a EJA. Compreendo melhor essa busca dos educandos pela valorização de sua identidade como educando da EJA que são. Por fim, destaco que todo o processo contribuiu não apenas para minha formação profissional, mas também para a compreensão de minha própria condição como educanda egressa da EJA.

Palavras Chaves: Educação de Jovens e Adultos (EJA), evasão escolar, retorno escolar na EJA.

ABSTRACT

This Project presents the report of an experience lived during the period of immersion in the Pedagogic Residence Program – Education of Adults and Young (Educação de Jovens e Adultos - EJA), outstandingly the elaboration and application of Pedagogic Action (Ação Pedagógica), on the 9th and 8th of 2018, in the School CEU Pimentas – EPG Jeanete Beauchamp. The general goal is to generate and share reflection between current students and graduates of EJA about: 1) Causes of school dropout in the childhood and adolescence, 2) Consequences of school dropout and 3) Motivations for school return. The process of listening to students was organized through group conversations (PESCE & ABREU, 2013) and the analysis of reflections and propositions of group were made inspired by contributions of Galvão & Di Pierro (2007); Arroyo (2017) Pedralli & Rizzatti (2013) and Freire (2002). Others theorists also contributed: Ferrari (2011); Pesce & Abreu (2013) and Casarino, Quevedo & Gervasoni (2014). As main results I highlight the new look I have today about EJA, I better understand this demand of students for the valorization of your identity as an student of EJA that they are. Lastly, I reaffirm that all the processes contributed not only for my educational background, but for the comprehension of my condition as graduate of EJA.

Keywords: Education of Adults and Young, school dropout, school return of EJA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percentual de instrução	15
Figura 2 – Atividade de reflexão aluno Antônio	29
Figura 3 – Atividade de reflexão aluno Valnei	30
Figura 4 – Atividade de reflexão aluna Maria	30
Figura 5 – Atividade de reflexão aluno Jorge	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico	17
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
JUSTIFICATIVA.....	13
Contribuição Teórica	15
Pesquisas bibliográficas no Campo da Educação de jovens e adultos	16
CAPÍTULO 1 - Contextualização da experiência – Motivações	19
1.1 Experiência como educanda	19
1.2 Documentário “Fora de Série”	22
CAPÍTULO 2 - Transformando a Ação Pedagógica da EJA em trabalho de pesquisa.....	25
2.1 Atividade de Reflexão	28
2.2.1 Momento da Reflexão	29
CAPÍTULO 3 - Dificuldades e consequências enfrentadas por Jovens/Adultos por interromperem os seus estudos.....	35
3.1 Dificuldades.....	35
3.2 Consequências	41
3.3 Motivações Pessoais	43
CAPÍTULO 4 - Avaliação dos resultados de aprendizagem obtidos	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERENCIAS	51
ANEXOS	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta o Relato de Experiência vivido durante o período de imersão no Programa Residência Pedagógica – Educação de Jovens e Adultos (PRP-EJA), destacadamente a elaboração e aplicação da Ação Pedagógica, nos dias 8 e 9 de 2018, no Colégio CEU Pimentas - EPG Jeanete Beauchamp. Tendo por objetivo geral a reflexão compartilhada entre educandos(as) e egressos(as) da EJA sobre: 1) Causas do abandono escolar na infância e adolescência, 2) consequências do abandono escolar e 3) das motivações para o retorno Escolar.

O processo de escuta aos educandos foi organizado por meio de Rodas de Conversa (PESCE & ABREU, 2013) e as análises das reflexões e proposições do grupo foram feitas à luz das contribuições de Galvão & Di Pierro (2007); Arroyo (2017) Pedralli & Rizzatti (2013) e Freire (2002). Outros teóricos também tiveram sua contribuição: Ferrari (2011); Pesce & Abreu (2013) e Casarino, Quevedo & Gervasoni (2014).

Como principais resultados destaco o novo olhar que tenho hoje sobre a EJA, compreendo melhor essa busca dos educandos pela valorização de sua identidade como educando da EJA que são. Por fim, destaco que todo o processo contribuiu não apenas com minha formação profissional, mas também para a compreensão de minha própria condição como educanda egressa da EJA.

Como tema central destaco as percepções e meus próprios questionamentos sobre as razões das dificuldades enfrentadas de educandos jovens e adultos para conseguirem estudar, bem como do abandono escolar destes nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental I, e motivos de seu regresso para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Tanto na análise do abandono, quando crianças e adolescentes, quanto no regresso à escola, na condição de jovem, adulto ou idoso, serão considerados aspectos da condição socioeconômica, familiar, assim como as relações estabelecidas com o conjunto da comunidade escolar, mundo do trabalho, construções identitárias, entre outros.

O Título escolhido foi “Relatos da EJA: Estudar..., para quê mesmo?”, este título remete estrategicamente aos questionamentos do texto das razões que motivaram estes mesmos educandos(as) e egressos(as) da EJA ao regresso aos estudos depois de certo tempo.

A abordagem desenvolvida neste Trabalho foi por meio da pesquisa de campo, que é uma abordagem metodológica de aspecto “Qualitativo” (Pesce e Abreu, 2013) com classificação a partir da observação exploratória participante, organizada em notas descritivas e analíticas de registros de campo, nas vivências da Residência Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos (RPEJA), considerando que:

“Na investigação qualitativa, o pesquisador não lida com hipóteses levantadas a priori, para serem confirmadas, ou não. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador levanta suposições no decorrer da investigação. O enfoque indutivo realiza-se em um movimento em que as abstrações vão sendo construídas à medida que os dados vão sendo coletados e agrupados. Bogdan e Biklen (1994) amparam-se no conceito de Teoria Fundamentada de Glaser e Strauss (1967), em que as categorias de análise, ao invés de serem levantadas a priori, a partir do quadro teórico de referência, emergem da coleta dos dados. Dito de outro modo, a categorização ganha forma, na medida em que o pesquisador coleta e examina os dados. No enfoque indutivo, a análise inicia-se com um foco mais amplo e, no transcurso da pesquisa, vai se tornando cada vez mais específico.” (PESCE & ABREU, p.27.28, 2013)

A pesquisa de campo aconteceu nos dias 08 e 09 de novembro de 2018, durante uma Ação Pedagógica (AP). Este projeto a Ação Pedagógico (AP) é uma etapa importante da formação do graduando, constituindo-se como atividade central do Programa de Residência Pedagógica (PRP) e configura-se como requisito parcial de avaliação desta Unidade Curricular, desenvolvido pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado São Paulo – Guarulhos (Unifesp).

O Programa de Residência Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (PRP-EJA), concebido como Unidade Curricular, tem carga horária de 45h, destas, no mínimo, 32h são destinadas ao período de imersão na Escola-Campo. A Escola Campo escolhida para a imersão foi o CEU Pimentas - EPG Jeanete Beauchamp, situada na cidade de Guarulhos, em uma turma da EJA, de ciclo 1 no período noturno, sob a responsabilidade da professora Fabiana Lopes Rodrigues, turma com 38 educandos(as), com faixa etária variada de 20 a 60 anos, 70% dos educandos(as) com mais de 40 anos de idade.

JUSTIFICATIVA

A minha trajetória na EJA em nível médio, no período de 2004 a 2005, foi a maior inspiração para a elaboração deste TCC. As reflexões dos motivos de abandono escolar e depois as causas que provocaram meu retorno aos estudos, me inspiraram em querer pesquisar e me aprofundar mais sobre o caso, de forma a tentar compreender quais motivos levam as pessoas a desistirem e interromper seus estudos, como exemplo pessoal, desisti e retomei os estudos dez anos depois.

Percebo hoje que da minha experiência, o que me mais me impulsionou o retorno escolar foram motivos de cunho social, desejo de ser inserida numa sociedade "letrada", e o que causou este desejo e culminou na coragem que eu tive de me desvencilhar de tudo e voltar a estudar, foi mais pelas discriminações e preconceitos sofridos na empresa que trabalhei do que pelas necessidades financeiras.

Posso dizer que superei este sentimento de incapacidade que a sociedade tentou me rotular, venci, ficou somente um desejo de ajudar outras pessoas com histórias parecidas com a minha. Portanto essas são as razões de fazer este trabalho, a forma de fazer foi aproveitando os relatos de educandos(as) e egressos(as) da EJA, incluindo o meu próprio relato.

Finalizo esta reflexão com Trecho de Di Pierro e Galvão que conversa com estas questões, da importância da escrita e conhecimentos específicos em determinadas áreas cada vez mais nas sociedades contemporâneas, como arma da pessoa adulta na conquista de poder e direitos na sociedade:

"Assim, enquanto a sua posse e uso plenos sejam privilégios de determinadas classes e categorias sociais, a escrita assume papel de arma para o exercício do poder, de legitimação da dominação econômica, social, cultural, de discriminação e de exclusão[...] É no quadro desta ideologia, em que se insere o nosso país, que no significado da alfabetização ultrapassa de muito a mera aquisição de uma "técnica" - saber ler e escrever; a alfabetização é fundamentalmente um processo político através do qual grupos excluídos dos direitos sociais civis e políticos têm acesso a bens culturais que são sonhados e que são um capital indispensável na luta pela conquista destes direitos, pela participação no poder e pela transformação social. (Soares, 1990)" (Di Pierro & Galvão, 2013, p.78).

Como justificativa social para este trabalho, invoco o direito universal à educação, inclusive para aqueles que não o fizeram quando crianças e adolescentes, tendo estes educandos a igualdade de direito, podendo matricular-se e ingressar na modalidade de ensino na educação para Jovens e Adultos (EJA).

Este direito foi consagrado a todos(as) cidadãos(as) brasileiros(as) para o início ou conclusão da educação básica, conforme a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: (LDBEN, Lei 9.394/96):

“A Constituição Federal do Brasil/1988, incorporou como princípio de que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF. Art. 205). Retomado pelo Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a Educação de Jovens e Adultos e Idosos, modalidade estratégica do esforço da Nação em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, participa deste princípio e sob esta luz deve ser considerada.” (LDBEN, Lei 9.394/96)

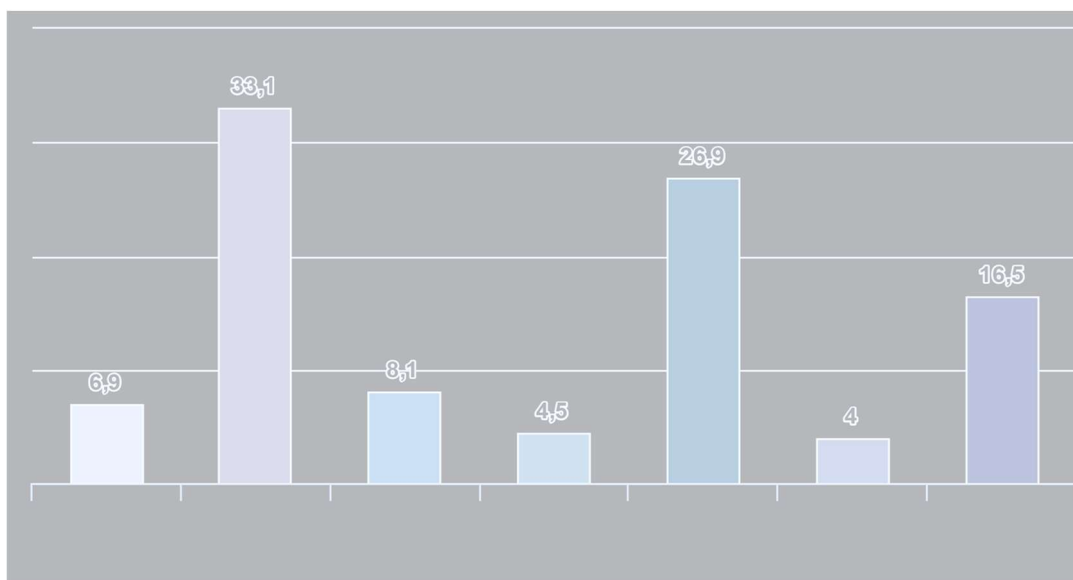
Porém, apesar de sacramentado este direito da educação para todos pelas leis Nacionais, inclusive para jovens, Adultos e Idosos, ainda hoje muitos Adultos e Jovens não conseguem terminar a educação Básica e outros tão pouco chegam a se alfabetizar, conforme reportagem do Globo G1 (G1. 2019) diz que:

Porém, apesar de sacramentado este direito da educação para todos pelas leis Nacionais, inclusive para jovens, Adultos e Idosos, ainda hoje muitos Adultos e Jovens não conseguem terminar a educação Básica e outros tão pouco chegam a se alfabetizar, conforme reportagem do Globo G1 (Economia/ ge. G1. 2019) diz que “Mais da metade dos brasileiros de 25 anos ou mais não concluiu a educação básica, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2018, divulgados na manhã desta quarta-feira (19) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O ciclo básico de aprendizagem termina quando o estudante se forma no ensino médio. A pesquisa aponta que 52,6% dos brasileiros nesta faixa etária não concluíram o mínimo de estudo esperado. A maior parte, 33,1%, não terminou nem o ensino fundamental. Outros 6,9% não têm instrução alguma, 8,1% têm o fundamental completo e 4,5% têm o ensino médio incompleto[...] O número de brasileiros de 15 anos ou mais que não sabem ler ou escrever um bilhete simples caiu 1,73% em 2018, comparado ao ano anterior, mas ainda soma 11,3 milhões de brasileiros analfabetos ou 6,8% da população. [...] O dado aponta ainda que o Brasil segue sem atingir a meta de redução do analfabetismo proposta no Plano Nacional de Educação (PNE). De acordo com o PNE, o Brasil deveria reduzir o percentual para 6,5% até 2015. Em 2018, este número ainda era de 6,8%. (G1. 2019)

Pessoas de 25 anos ou mais de idade por nível de instrução no Brasil (%)

Mais da metade desta população (52,6%) têm até o ensino médio incompleto.

Figura1 – Percentual de instrução



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2018 ¹

6,9 sem instrução/ 33,1 Fundamental incompleto/ 8,1 Fundamental completo/ 4,5 Médio incompleto/ 26,9 Médio Completo/ 4 Superior incompleto/ 16,5 Superior completo.

Contribuição Teórica

As análises empreendidas neste trabalho terão como principal aporte as contribuições de Galvão & Di Pierro (2007) e Oliveira (1999) que abordam o preconceito contra as pessoas não alfabetizadas e com baixa escolaridade; Arroyo (2017) e Ferrari (2011) que tratam das especificidades da modalidade EJA e diversidade de seus (as) educandos (as), além de Bellat e Mingat (1994) na compreensão do sistema educacional; Pedralli & Rizzatti (2013) que apontam a complexidade de fatores relacionados à evasão escolar na EJA.

¹ Notícia publicada no site G1 GLOBO, em 20/06/2019, no endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/19/mais-da-metade-dos-brasileiros-de-25-anos-ou-mais-ainda-nao-concluiu-a-educacao-basica-aponta-ibge.ghtml>

Busquei em Freire (2002 e 1987) e Felouzis (1999) reflexões sobre o papel do ofício docente que, quando humanizado, livre de preconceitos voltado para os aspectos sociais e culturais, contribui fortemente na luta pela autonomia dos educandos, juntamente com Munakata e Razzini (2004), Durant (1996) e Palácios (1995) nas reflexões sobre as opções político-didático-pedagógicas.

As especificidades da condição das educandas da EJA foram analisadas à luz de Casarino, Quevedo & Gervasoni (2014), que discutem preconceitos sofridos por pessoas do gênero feminino, ou os que estão fora de padrões que a sociedade incute, Fonseca (2006) e Miranda (2015), respectivamente sobre questões relacionadas a violência doméstica e violência psicológica contra a mulher.

Por fim, Pesce & Abreu (2013), que amparam a opção pela “Roda de Conversa” com os educandos da EJA, recurso metodológico fundamental na coleta de dados deste trabalho.

Pesquisas bibliográficas no Campo da Educação de jovens e adultos

A fim de conhecer outras pesquisas que abordam a trajetória escolar dos educandos da EJA, foi realizado levantamento de informações na página oficial da Capes – Catálogo de Teses & Dissertações, considerando o intervalo de novembro/2019 a dezembro/2020, usando os descritores; *Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, *evasão escolar na EJA*, *dificuldades de permanência de educandos na EJA*.

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico

TÍTULO	AUTOR	TEMA	NATUR.	INST.	DT	OBS
Um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola	Josué Vidal Pereira	O PROEJA no Instituto Federal de Goiás - Campus Goiânia	Dissertação (Mestrado em Educação)	Universidade de Brasília.	2011	O diálogo dos dados obtidos na pesquisa aponta que os obstáculos ao acesso e a permanência na escola pelo público da EJA, vão além das limitações impostas pelas políticas neoliberais.
Juventude e trajetórias escolares: condicionantes da evasão e permanência no Pro Jovem Urbano	Felipe Lopes da Cunha Alves	Educação/ Políticas e Instituições Educacionais	Dissertação	Universidade Federal do rio de Janeiro.	2008	Esta pesquisa tem propósito de compreender as condições que levam à evasão ou permanência no Pro Jovem Urbano.
NÃO ESTÃO NA ESCOLA? Um estudo sobre a evasão na Educação de Jovens e Adultos nos Anos Iniciais na Rede	Rogéria Aparecida Garcia	Educação/ Filosofia E História da Educação	Dissertação	Universidade Federal de Pelotas	2012	A pesquisa apresenta um estudo sobre a evasão de pessoas jovens e adultas das classes dos anos iniciais da EJA.

1ª <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9311?mode=full> 2ª <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> / 3ª <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>!

Entre os trabalhos identificados, dois foram particularmente importantes na construção deste Relato de Experiência. No primeiro o autor Josué Vidal Pereira (2011) discute os fatores que dificultam o acesso e a permanência dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional, com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e

Adultos (Proeja) desenvolvido no Campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Depois no segundo o autor Felipe Lopes da Cunha Alves (2008) analisa os fatores que favorecem ou dificultam o acesso e a permanência dos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) desenvolvido no Campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Por fim, no terceiro, a autora Rogéria Aparecida Garcia (2012) discute as situações sociais que impedem jovens e adultos de estarem na escola e ineficácia da comunidade escolar neste processo de impedirem a evasão. Foram resultados deste estudo os grupos de pesquisa MovSE (Movimentos Sociais, Escola Pública e Educação Popular) e FePráxiS (Filosofia, educação e Práxis Social) da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

Este levantamento bibliográfico foi de grande ajuda não somente no meu projeto do TCC mais como também uma inspiração para o desenvolver, auxiliando no destrinchar do trabalho de campo realizado durante a RP-EJA. Todos eles abordam a questão da evasão escolar e problemas de permanência na EJA, mas em especial a Autora Rogéria Aparecida Garcia (2012) dialoga diretamente com a proposta deste Relato de Experiência, porque aborda as questões de evasão escolar e dificuldades de permanência numa perspectiva coletiva e não apenas individual, considerando também a comunidade escolar e a sociedade como protagonista na construção de condições de permanência ou exclusão da escola.

CAPÍTULO 1 - Contextualização da experiência – Motivações

1.1 Experiência como educanda

Antes de explicar como surgiu a ideia para a pesquisa deste trabalho, diria que é relevante dizer como surgiu o desejo de fazer este trabalho com temas que envolvessem educandos(as) adultos e da EJA. Esta motivação veio de um sentimento antigo, das minhas experiências como aluna criança/adolescente e depois na EJA.

Para conseguir explicar melhor, volto um pouco no meu passado como aluna criança, sempre gostei muito de estudar desde muito pequena, eu tinha um irmão mais velho com dificuldades de socialização, por este motivo pulei do Jardim da Infância para a primeira série direto sem fazer a Pré-escola, com 6 anos. Meus pais fizeram isso para que eu pudesse acompanhar meu irmão que já tinha idade de estar no primeiro ano. Nesta época as crianças faziam a 1ª série com 7 anos, isto aconteceu no ano de 1976.

A partir do momento que eu entrei na escola nasceu um grande desejo de “aprender” e pelo ambiente escolar, basta dizer que no final da primeira série eu já estava completamente alfabetizada, não sei explicar de onde surgiu a “vontade” de aprender e “estar” na escola. Nós éramos de uma família de classe social baixa, sete pessoas em casa, meus pais, eu e mais 4 irmãos. Meu pai é contador em nível técnico, e tem o superior incompleto, ele sempre teve vontade de terminar os estudos, mas não conseguiu porque tinha que trabalhar muito para sustentar sua prole.

Meu pai trabalhava autônomo, tinha um pequeno escritório na sala de casa para ele fazer a contabilidade de seus clientes, depois fez um curso e aprendeu a fazer produtos de limpeza, outra área que ele gostava e gosta ainda é química, por isso ele se saiu muito bem fazendo produtos de limpeza. Além do escritório contábil a noite e de final de semana ainda fazia produtos de limpeza para comercializar e complementar a renda da família, depois este trabalho de fabricar produtos foi por muitos anos a renda principal dele para sustento da família.

Minha mãe conseguiu terminar o quinto ano, porque segundo ela diz, na época o pai dela não a deixou estudar porque dizia que era mais importante as tarefas da casa, porque depois se casaria e não saberia cuidar de uma família. Mas na verdade o que ela sempre quis era estudar também, sempre falou que o sonho dela era ser médica ou enfermeira, basta dizer que mais para frente quando eu e meus irmãos estávamos adolescentes e ela se sentiu mais tranquila nos

afazeres com a família, ela conseguiu fazer um curso a distância de enfermagem, não trabalhou na área mas usou os aprendizados do curso com a própria família.

Ela sempre foi guerreira, ajudou muito meu pai, sempre estava vendendo roupas, cosméticos para ajudar. Meu pai abriu uma lojinha na frente da nossa casa para vender os produtos de limpeza para a vizinhança, eu, minha mãe e meus irmãos ajudávamos no atendimento aos clientes desta lojinha.

Eu vendo esta luta de meus pais, foi aumentando aquele desejo de estudar, talvez fosse inconsciente de tentar superar as barreiras das dificuldades e ser orgulho para meus pais e me formar, quando falo dessa época, lembro o que minha mãe sempre falava: “filha quem nasceu pobre tem que ao menos tentar estudar, porque senão ninguém vai ti dar valor, olha suas primas todas entrando para faculdade, as pessoas ficam elogiando e valorizando elas por isso”.

Meu pai também tinha muita vontade de me ver formada, até quando eu comecei a namorar, meu pai falou para o meu noivo: “Ela só vai se casar quando terminar no mínimo o 2º grau”, ele falava assim porque sabia que se eu me casasse cedo sem terminar os estudos, dificilmente conseguiria terminar depois de casada. Mas infelizmente o desejo do meu pai de me ver formada antes de casar não se realizou, porque eu parei de estudar.

Na época tinha 17 anos (1988), eu fiz até a 1ª série do ensino técnico em contabilidade e médio junto, fui para o colégio até o final do ano e acabei reprovando porque não fui fazer a prova de exame da matéria de física, na época a *justificativa era porque tinha que trabalhar fora* para comprar meu enxoval para o casamento.

No ano seguinte, em 1989 eu me matriculei em um curso profissionalizante de duração de 1 (hum) ano, este curso era no Liceu de Artes e Ofício de São Paulo e o curso era de “Decoração de interiores”, minha tentativa ao fazer este curso era de ter alguma especialização em alguma área para que eu pudesse trabalhar autonomamente, já que onde eu iria morar era uma chácara bem afastada da cidade de Mairiporã e de difícil acesso.

Porém quando chegou o final do ano não consegui me formar, porque como este curso era novo no Liceu a comissão do curso no final do primeiro ano resolveu aumentar mais um ano, e devido a minha situação financeira eu não tinha mais condições de “bancar” o curso por mais um ano, não tendo saída desisti do curso. No próximo ano (1990) com 19 anos me casei.

Depois que me casei como já disse, fui morar num lugar afastado da cidade de Mairiporã, morávamos junto com meus ex-sogros e já fiquei gestante logo em seguida, e durante a minha gestação eu ainda consegui trabalhar em um pequeno açougue que meus sogros

nos tinham dado (a família deles trabalhavam neste ramo de comércio). Então pensei que talvez a minha vida seria ser comerciante mesmo, e tentei me conformar, mas depois de um ano aquele estabelecimento faliu e perdemos tudo, a esta altura minha filhinha Suélen contava 6 meses, mudamos de lá e viemos para São Paulo.

E assim a vida seguiu, não conseguindo mais estudar e nem trabalhar por longos anos, pois quando a minha filha completou 1 ano já fiquei gestante novamente do meu outro filho, o Jônatas, na época não existia ainda creche publica para colocá-los para eu trabalhar e estudar. E, quando fazia entrevistas os salários que me ofereciam eram insuficientes para pagar alguém para olhar meus filhos, então me conformei em ficar em casa e aproveitar a infância de meus filhos da melhor forma possível.

Tínhamos uma vida bem restrita, tínhamos o suficiente para pagar as contas básicas, ainda que não precisássemos pagar aluguel pois a casa que morávamos era emprestada do meu avô. Passados uns 8 anos, meu sogro chamou meu esposo para trabalhar na empresa dele em Mairiporã, era uma Madeireira que ele tinha aberto (mudaram o ramo de açougues) e nos deu uma casa para morar dentro da chácara deles, então mudamos novamente para este lugar, com esperança que as coisas iriam melhorar.

Só que pioraram, porque o lugar era bem no meio da serra de difícil acesso principalmente para quem não tinha carro como nós, para ir para a cidade de Mairiporã tinha ônibus somente três vezes por dia, e para São Paulo que era mais distante, tinha ônibus de duas em duas horas e o percurso a pé que tínhamos que fazer para pegar o ônibus para São Paulo era longo, ermo e sem iluminação.

Nesta época com os filhos na idade escolar, a menina com 10 anos, e o menino com 8 anos, começou a me dar um desespero, porque as crianças precisam de coisas, roupas, pediam coisas diferentes para comer que eu não podia dar. Às vezes ficavam doentes e eu precisava levá-los ao médico e era difícil também, em meio a tantas dificuldades consegui um emprego, numa empresa de contabilidade em São Paulo.

Este escritório pertencia a meus tios, este trabalho para mim foi como uma grande escola, porque ali me desenvolvi muito profissionalmente, comecei como auxiliar de limpeza, na época era esta vaga que tinha, e apesar de nunca ter trabalhado nesta área aceitei o desafio. Depois de alguns meses, fui promovida a recepcionista, depois fui para auxiliar de Departamento Pessoal, fiz vários cursos livres pagos pela empresa: Departamento Básico, Contabilidade básica, Atendimento e recepção, entre outros.

Confesso que foi bem difícil minha reinserção ao mercado do trabalho, com dois filhos pequenos, deixava uma amiga minha que morava perto para olhá-los, e muitas vezes quando ela não conseguia ir eles ficavam sozinhos, eu saía de casa com aperto no coração por deixá-los, mas sabia que era o melhor a ser feito no momento, pois tinha que sustentá-los. Meus filhos sempre foram a minha maior motivação para tudo, para lutar, trabalhar, estudar.

Então neste contexto, penso que a maior motivação para este trabalho é tentar compreender, entender melhor porque as dificuldades levam muitas pessoas a um ponto de exaustão que as fazem desistir de estudar. Em contra partida, pensando no outro lado da moeda ao retorno escolar, me motivo a tentar entender também, quais as razões que impulsionam a mais tarde essas mesmas pessoas se desvencilhando destas “mesmas” dificuldades e retomarem os estudos, em especial na EJA ou em outra modalidade.

1.2 Documentário “Fora de Série”

Tudo começou quando eu pensava o que fazer na Ação Pedagógica (AP) da Residência Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (RP-EJA) e neste mesmo período estava começando também a fazer o meu Projeto deste trabalho de TCC, a ideia surgiu no exato momento quando eu assistia na aula da UC (Unidade Curricular) Educação de Jovens e Adultos: Diversidade e Práticas Educativas ao documentário “Fora de Série”. Vale ressaltar que foi intencional cursar a RP-EJA no mesmo semestre em que fiz esta UC, pois achei que uma somaria a outra, e assim aconteceu, juntei a prática a teoria dada na UC.

O documentário, “Fora de Série” foi gravado pelo Observatório Jovem do Rio de Janeiro, um grupo de pesquisadores sob a direção de Paulo Carrano, e sob a supervisão e orientação da Universidade Fluminense, neste documentário foram feitas entrevistas com educandos(as) da EJA de uma escola, onde eles contam suas trajetórias escolares, os motivos de desistência e retorno escolar interligando com momentos de suas vidas pessoais. Este documentário foi dedicado a memória de Raquel Faria Stern, produtora do filme:

“Raquel era formada em cinema pela UFF e cursava o Mestrado em Integração Contemporânea da América-Latina na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Em dezembro de 2017, sofreu acidente automobilístico fatal em estrada do Paraná. Raquel fazia uma linda viagem coletiva em busca da diversidade musical da América do Sul produzindo a web série “Magnólia Vai!” - “um programa de música, viagem, bate-papo e encontros multiculturais, tudo junto” em busca do diálogo da diversidade cultural latino-americana. “Magnólia vai!” ganhou o prêmio de melhor websérie de variedades no Rio WebFest.” <https://www.filmeforadeserie.com/homenagem>, data do acesso 15/04/2020, 09:21h.

Os depoimentos expostos no documentário foram gravados no âmbito escolar, na sala de aula, os entrevistados eram egressos da EJA, foram entrevistados 10 educandos(as) todos na faixa etária entre 20 a 35 anos, já formados da EJA, no primeiro momento da entrevista os entrevistadores fizeram perguntas para saber as motivações que fizeram eles desistirem e as que fizeram eles retornarem aos estudos, com perguntas desencadeadoras do tipo “O que ti puxa para dentro e o que ti puxa para fora da escola?”

Depois que todos os educandos(as) falaram suas dificuldades e motivações, o Professor Paulo Carrano faz uma dinâmica, coloca algumas fotos de lugares e paisagens, e pergunta para eles o que aquelas fotos representam para cada um deles e depois faz uma roda de conversa com 5(cinco) desses educandos(as), entre eles: Alexandre Guimarães, Jhonata Barbosa, José Geraldo, Maria Nunes, Pedro Bruno.

Nesta roda de conversa ele explica os objetivos da pesquisa: “Desde 2013 estamos tentando entender o que acontece nas escolas que tem EJA e Ensino Médio, somos da universidade, pesquisadores e queremos saber como a escola pode ser melhor do que ela já é [...] e se a gente escutar mais os(as) educandos(as) a escola pode melhorar [...] nossa percepção é que os(as) educandos(as) têm o que dizer, se a escola escutar mais os alunos a escola pode melhorar “(CARRANO, 2018).

No decorrer da conversa o professor da UFF faz várias perguntas sobre o Enem, o que eles sabem sobre; se a escola foi justa com eles; como foi para eles conciliarem trabalho e estudo, e por último se a escola sabe que eles sabem estas coisas.

No debate sobre o Enem, quando o professor Paulo Carrano questiona se eles se sentiam preparados, foram unânimes em responder que “não se sentiam preparados”, dizem que a EJA não foi suficiente para aprender tudo que precisavam devido ao tempo reduzido do curso eles se sentem em defasagem de conteúdo curricular daqueles que cursaram o ensino médio regular de 3 anos.

Ainda sobre o Enem um educando até comenta: “No Enem é feito uma aplicação, um ajuste, é cobrado ali o ensino como ele deve ser e não o que ele é de verdade, no Enem é feita uma aplicação correta da educação que deveríamos ter e não a que nós temos, não temos uma preparação para aquilo”. Dizem também que esta defasagem no ensino da EJA gera a necessidade de fazerem um cursinho, mais que existe muitas vezes falta dinheiro para fazer um cursinho para prestar o Enem ou para prestar um vestibular para ingresso em Universidades públicas.

Outra queixa é a falta de informação da escola e dos professores sobre o Enem, dizem que não recebem orientações sobre o que é o Enem, para que serve entre outras. Outro educando se queixa da escola, dizendo: “Eu queria fazer o ensino médio regular, não a EJA em um ano e meio, mas a escola não deixou”. Diante destes relatos o professor pergunta para eles: “A escola sabe que vocês sabem essas coisas todas? “.

Diante desta pergunta eles desabafam e dizem que gostariam muito ter diálogos com a escola sobre todas essas coisas, mas que infelizmente a escola não dá espaço, dizem que ela nunca dá esse momento para você dividir esses conhecimentos, um educando comenta: “Seria bom se a escola desse este espaço depois das aulas para cada um falar o que faz, sobre si mesmos.”

Então analisando e trazendo à tona meu TCC, pensei por que não fazer algo parecido do documentário, com os(as) educandos(as) da RP-EJA? E depois transformar esses dados de pesquisa para o meu trabalho do TCC?

Foi o que aconteceu, gravei a roda de conversa dos(as) educandos(as) e depois as transcrevi, no próximo capítulo explicarei em detalhe esta ação. Coloquei os trechos aqui do documentário que achei mais relevante e que mais conversa com o meu trabalho do TCC. Também, muitas coisas que os(as) educandos(as) do documentário Fora de Série falam, casa com o que os(as) educandos(as) na turma da EJA da Residência Pedagogia na Educação de Jovens e Adultos falam também.

CAPÍTULO 2 - Transformando a Ação Pedagógica da EJA em trabalho de pesquisa

A proposta inicial para o TCC, já acordada com a professora orientadora Mariângela Graciano, era investigar as trajetórias escolares de educandos da EJA a partir de entrevistas individuais. No entanto, tudo mudou quando eu assistia ao documentário “Fora de Série” e pensei “Que filme ótimo, será que consigo fazer algo semelhante com os(as) educandos(as) da RPEJA? E depois transformar em dados de pesquisa para desenvolver meu TCC?”.

O próximo passo foi conversar com a professora orientadora, que inicialmente, considerou mais pertinente manter a proposta inicial, alegando o risco de a Roda de Conversa, durante a aplicação da Ação Pedagógica, não fornecer dados suficientes para a análise desejada. No entanto ao perceber minha vontade de refletir sobre o processo da AP, aceitou o novo formato, também compartilhado com a professora Rosário minha preceptora na RP-EJA.

No decorrer da elaboração do projeto do TCC, fiz o planejamento dos procedimentos que desencadeariam a produção de dados, que coincidem com a proposta de AP:

- Exibição do documentário: “Fora de série” <https://www.filmeforadeserie.com>, como dado desencadeador da roda de conversa;
- Roda de conversa com roteiro de perguntas: abordará histórias pessoais;
- Síntese do documentário, com produção de pequeno texto feito pelos os(as) educandos(as);
- Gravação dos momentos da roda de conversa.

Busquei nas bases teóricas em Pesce & Abreu (2013) compreender o procedimento “roda de conversa” como um elemento desencadeador metodológico importante na coleta de dados desta pesquisa:

“Para a Dialética marxiana, a prática social situa-se como processo objetivo de produção material. Daí o estatuto de instância primordial da vida humana e da transformação do mundo. Por isso, a prática social pode ser considerada critério de verdade na teoria do conhecimento que se vale do materialismo histórico. Na Dialética, o investigador parte dessas premissas anunciadas para dar início à pesquisa, com a contemplação viva do fenômeno, buscando perceber sua singularidade e delimitar suas características majoritárias. Analisa o fenômeno, observando os elementos que o integram, procurando estabelecer relações sociais e históricas [...] por fim, procura caracterizar os aspectos fundamentais do fenômeno, sua realidade concreta, por intermédio de estudos das informações e observações, fazendo uso de descrição, classificação, análise das contradições do fenômeno em tela e síntese do observado a analisado.” (PESCE & ABREU, p.22. 2013)

No dia da Ação Pedagógica (AP) dos 38 os(as) educandos(as), vieram 25 deles, e devido a atraso por consequência de alguns problemas técnicos, a Ação Pedagógica (AP) teve que ser

desenvolvida em dois dias sequenciais, então replanejei a AP em duas etapas, metade no primeiro dia (8), e metade no segundo dia (9).

Primeiramente organizei a sala, dispondo as carteiras em formato de “U”, os(as) educandos(as) foram chegando e questionando o porquê da disposição das carteiras e eu ia explicando que seria feito uma roda de conversa e apresentação de um documentário. Neste momento percebi certa resistência de duas educandas, no qual disseram: “Então não vai ter aula hoje? Era melhor que fosse aula normal professora”, respondi a elas explicando que sim teria aula, só que seria uma aula um pouco diferente, mais dinâmica, que seria interessante que eles iriam gostar.

A Ação Pedagógica (AP) inicia-se então, com um esclarecimento no qual seria abordado assuntos relacionados à modalidade EJA e sobre seus educandos, por meio de artifícios Histórico sociais. Inicialmente seria apresentado um documentário chamado Fora de Série, logo após uma roda de conversa para reflexão sobre o filme. Também compartilhei com o grupo que a Roda de Conversa seria utilizada para o meu TCC.

Depois das explicações iniciais começo então a desenvolver a AP: Falei sobre a importância da Escola e do estudar, que é importante o estudo para adquirirmos conhecimentos; ler, escrever, fazermos contas, etc., mas que também outras disciplinas como Geografia por exemplo, é importante para adquirirmos conhecimentos e nos orientarmos nos espaços, lugares que vivemos, a história é importante para conhecermos a história do Brasil de onde viemos por exemplo, o que aconteceu no passado e o que acontece na atualidade.

Falei também sobre como a educação escolar colabora com nossa interação social; conversamos com outras pessoas, trocamos experiências de vida, ajuda-nos a formular pensamentos e ideias de forma mais objetiva, aos poucos conseguimos sermos indivíduos mais críticos e sociáveis. Neste momento lancei uma pergunta: “Então, porque vocês acham que mesmo a escola sendo um local importante de aprimoramento de conhecimentos, tem momentos que queremos desistir dela?” pedi para eles não responderem naquele momento, somente ir refletindo sobre.

Em segundo momento, após a sondagem, anunciei o filme falando que era um documentário feito pela Universidade Fluminense, que apresentava depoimentos de educandos da EJA de uma escola, onde eles contam suas trajetórias escolares, os motivos de desistência e retorno escolar interligando com momentos de suas vidas pessoais.

Neste momento eu disse a eles que a AP tinha certa ligação com as disciplinas de História Social, contextualizando com eles dizendo que era uma aula como na disciplina de História, e que a partir das histórias pessoais se estuda a história da sociedade, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos.

O Filme foi sendo rodado e pela postura atenta, logo percebi o interesse, interrompi a projeção aos 30 minutos e perguntei sua opinião, afirmaram ter gostado, gostaram do filme, “Sim, eu adorei”, disse um educando, “até aquele ponto gostamos muito”, disse um outro. Expliquei que pararia um pouco o filme para iniciarmos a Roda de Conversa.

Neste terceiro momento já munida do roteiro e das perguntas desencadeadoras para o debate, fiz a primeira pergunta: “*Quais os motivos principais que me fizeram desistir da escola?*” tentei organizar pedindo que falassem um de cada vez, mas às vezes queriam falar todos ao mesmo tempo. Ainda assim foi bem gratificante, possibilitando apreender depoimentos valiosos e interessantes.

Uma educanda já senhora, contando sua trajetória escolar e de vida disse ter tido muitas dificuldades na infância que a prejudica muito a ponto de parar os estudos: o pai faleceu, e aos 12 anos saiu da escola para ajudar a mãe:

“(...)Depois, eu cresci tinha vergonha de voltar para a escola, porque eu pensava que os outros iriam ficar achando eu velha né, até hoje... meu esposo diz: porque agora você tem que voltar a estudar, depois de velha? por isso eu sinto muita dificuldade, me sinto só,... mas estou aqui e não vou desistir...ele (o esposo) vem na escola para fazer eu desistir eu sei, mas ele não vai fazer eu desistir, ele disse que vem até eu cansar, ele quer que eu desista, entende?...” (Bianca, 2018, EJA)

Esta senhora pouco vai à escola, pois só a vi este dia na sala, demonstra que mesmo na vida adulta ainda enfrenta dificuldades para permanecer na escola.

Depois da manifestação de alguns estudantes, introduzi a próxima pergunta: *No período em que vocês ficaram parados, sem ir à escola, o que aconteceu, teve consequências?* Vieram muitos comentários, alguns perderam o emprego por não ter estudos, outros relataram não conseguir pegar ônibus por falta de leitura e acabarem se perdendo ao pegar ônibus errado, e uma série de discriminação enfrentadas por não saberem ler e nem escrever.

Uma educanda de aproximadamente 50 anos, contou que foi humilhada quando, num processo de seleção, pediu ajuda de outro candidato para preencher a ficha, o supervisor viu e disse: “Será que você consegue ao menos pegar na vassoura e no rodo, já que você nem consegue colocar seu nome aí no papel, ele, falou assim, tirando gozação da minha cara”, afirmou.

Logo após este primeiro encontro na Roda de Conversa combinamos que no dia seguinte passaria o restante do filme e realizaríamos a atividade de finalização, que seria uma frase para completar sobre a projeção no futuro *“O que irei fazer após terminar todos os ciclos da EJA”*.

2.1 Atividade de Reflexão

No dia seguinte era uma sexta-feira, chegando arrumei a sala com as carteiras em formato de “U” para que ficassem no formato de roda de conversa. Os educandos presentes foram: Maria de Jesus, Almerinda, Cleonice, Maria de Lourdes, Jorge Edrildo, Marinalva, Valnei, Antônio, Joana, Bianca e João.

Conforme iam chegando já foram se ajeitando, de maneira que no horário previsto iniciamos a projeção do restante do documentário.

Quando terminou eu perguntei se haviam gostado, e eles responderam que sim, que adoraram. Percebi que ficaram bem tocados e motivados, comentando entre si a identificação com alguns dos educandos do Documentário. Finalizei dizendo que o mais importante foi seu retorno à EJA, e o desafio está em não desistirem, apesar das dificuldades.

Após o momento de reflexão, pedi que se mantivessem em seus lugares para a última atividade, e expliquei então que seria um pequeno texto, uma frase reflexiva e que o objetivo era provocá-los a pensar sobre o futuro pós EJA. Desta forma aos poucos foram silenciando as conversas e a atividade de reflexão foi iniciada com a seguinte frase disparadora no início da folha: *“Pense e complete a frase: Quando eu terminar todos os ciclos da EJA eu quero” ...*

No rodapé da folha de atividade coloquei uma lista para que eles tivessem ideias e sugestões de respostas: *Faculdade – Trabalhar – Curso Técnico – Namorar – Mudar de Cidade – Liberdade – Mudar de emprego – Cuidar da família – Ter filhos.*

Aos poucos foram respondendo, alguns manifestaram dificuldades, como Jorge Edrildo que não saber o que fazer depois da EJA, respondi que estava tudo bem, mas que se quisesse poderia pensar um pouco. Depois de um tempo, ele me chamou e mostrou o complemento da frase: *“QUERO Continuar estudando”*. Como ele 90% por cento colocou que gostaria de continuar os estudos, citando cursos como informática, e, faculdade, colocaram também que queriam mudar de emprego e uma aluna, a Maria de Jesus, escreveu que quer ser enfermeira ou médica e se casar.

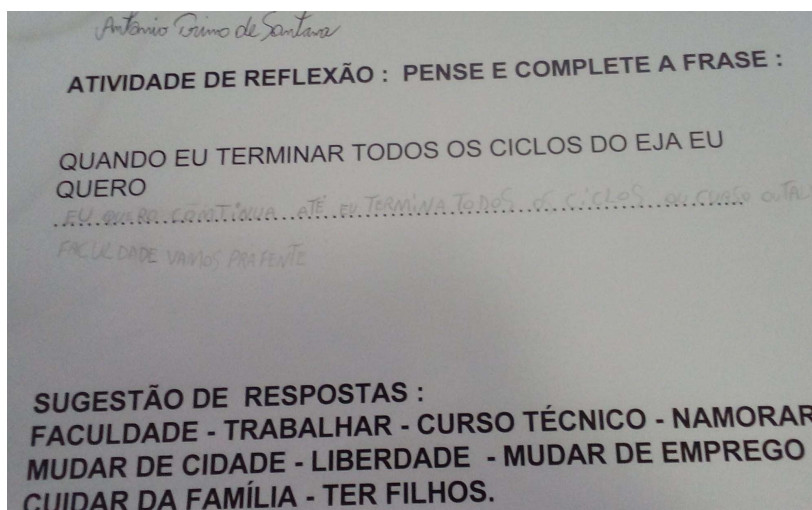
Encerrei agradecendo a oportunidade concedida e desejando que tivessem sucesso e êxito na EJA e, depois, que eles conseguissem realizar todos os propósitos e projetos que sistematizaram naquele dia.

2.2.1 Momento da Reflexão

Completando a frase, *quando eu terminar todos os ciclos da EJA eu quero* ...

“Eu quero continuar até eu terminar todos os ciclos ou curso ou talvez faculdade vamos em frente” *Antônio*

Figura 2 – Atividade de reflexão aluno Antônio



Fonte: Autoria própria

“Liberdade e deslanchar na minha área profissional” *Valnei*

Figura 3 – Atividade de reflexão aluno Valnei

ATIVIDADE DE REFLEXÃO : PENSE E COMPLETE A FRASE :

QUANDO EU TERMINAR TODOS OS CICLOS DO EJA EU QUERO
liberdade... deslanchar... na... minha... área... profissional

SUGESTÃO DE RESPOSTAS :
 FACULDADE - TRABALHAR - CURSO TÉCNICO - NAMORAR
 MUDAR DE CIDADE - LIBERDADE - MUDAR DE EMPREGO
 CUIDAR DA FAMÍLIA - TER FILHOS.

Fonte: Autoria Própria

“Se Deus quiser eu vou trabalhar e casar, eu quero ser enfermeira ou médica” *Maria de Jesus*

Figura 4 – Atividade de reflexão aluna Maria

Maria de Jesus

ATIVIDADE DE REFLEXÃO : PENSE E COMPLETE A FRASE :

QUANDO EU TERMINAR TODOS OS CICLOS DO EJA EU QUERO
Se Deus quiser eu vou trabalhar e casar.....
Eu quero ser enfermeira ou médica

SUGESTÃO DE RESPOSTAS :
 FACULDADE - TRABALHAR - CURSO TÉCNICO - NAMORAR
 MUDAR DE CIDADE - LIBERDADE - MUDAR DE EMPREGO
 CUIDAR DA FAMÍLIA - TER FILHOS.

Fonte: Autoria própria

“Continuar estudando” *Jorge*

Figura 5 – Atividade de reflexão aluno Jorge

ATIVIDADE DE REFLEXÃO : PENSE E COMPLETE A FRASE :

QUANDO EU TERMINAR TODOS OS CICLOS DO EJA EU QUERO *gostei de tudo de sim*

.....

A O CONTINUAR ESTUDANDO

SUGESTÃO DE RESPOSTAS :
FACULDADE - TRABALHAR - CURSO TÉCNICO - NAMORAR
MUDAR DE CIDADE - LIBERDADE - MUDAR DE EMPREGO
CUIDAR DA FAMÍLIA - TER FILHOS.

Fonte: Autoria própria

Outros planos de futuro

“Continuar o estudo” *Almerinda Maria*

“Continuar o Estudo” *Cleonice*

“Meu objetivo é fazer a faculdade para mudar de emprego” *João*

“Quero continuar até terminar todos os ciclos da EJA” *Maria de Lourdes*

“Continuar os estudos, curso de informática” *Bianca*

“Mudar de emprego, cursos e faculdade” *Marinalva*

“Mudar de emprego, cuidar da família” *Joana*

Concluindo, penso que este trabalho dentro da imersão a Ação Pedagógica (AP) foi importante para cumprir o requisito avaliativo principal de conclusão da UC RP- EJA, mas também me forneceu dados para desenvolver o meu TCC, além disso ajudou-me conhecer as várias facetas de uma turma da EJA.

Percebi que é possível trabalhar com eles em outras perspectivas e modalidades de ensino e não somente daquela forma mais tradicional, em que o professor transmite a

informação e os educandos recebem. Este ponto se casa com a ideia de Paulo Freire (1987) sobre Educação Bancária, em seu livro “Pedagogia do Oprimido”:

“[...] homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (FREIRE, 1987, p.33)

Meu principal objetivo da AP além destes, foi demonstrar que há outras formas de aulas e que todas as disciplinas são importantes, não somente aquelas que, em geral, eles consideram mais significativas, como de Português e Matemática.

A avaliação deste Projeto a AP foi realizada por meio da observação dos resultados obtidos, da interação e envolvimento dos educandos, e seus níveis de interesse na Roda de Conversa. Percebi que conseguiram refletir sobre as dificuldades do passado, e que muitos dos motivos que os fizeram desistir da escola são os mesmos que os fizeram retornar, como o trabalho e as pressões familiares. Também, que o fato de alguns motivos de abandono se repetirem entre eles não é coincidência, mas resultado das condições de vida impostas a grande parte da população.

Foi no momento da sistematização da frase que, percebi nas respostas dadas, o exercício de reflexão crítica e focada em suas condições de vida do passado e relacionadas aos objetivos futuros. Assim, considero que os resultados foram satisfatórios, superando minhas expectativas, e estimularam as discussões apontadas a seguir...

Anunciada na Constituição Federal de 1988, e estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos Artigos 37 e 38:

“A modalidade de Educação destinada a jovens e adultos apresenta uma identidade que a diferencia da escolarização regular. Neste contexto pode-se considerar que essa diferenciação não é apenas quanto à especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade sócio histórico-cultural” (FERRARI. 2011 p.1)

O educando da EJA tem sua identidade diferenciada dos educandos crianças e adolescentes, primeiro pelo fator idade, e depois pelas demandas da vida e responsabilidades: necessidade de trabalharem para sua subsistência, e alguns possuem dependentes como filhos menores e pais idosos para cuidar.

No aspecto social pode-se dizer que na maioria, são assalariados, muitos deles vivem com o básico para sua sobrevivência, alguns desempregados, outros aposentados com salários-

mínimos, outros trabalham com remunerações baixas. Na maioria das vezes seus momentos de lazer são restritos a programas de televisão e aos encontros familiares.

Muitos deles buscam na volta à escolarização da EJA, a sua identidade perdida como educando, e o resgate da sua dignidade e melhores condições de vida para eles e para os que dependem deles. Tem uma citação de Miguel M. Arroyo que conversa com estas questões sociais do educando da EJA, na qual o autor os compara a passageiros da noite:

“Sua condição de passageiros da noite remete-os a passageiros do fim da cidade, fim da linha, fim dos campos, passageiros dos últimos degraus nas hierarquias de classe, raça, gênero, trabalho, renda, moradia. Escolarização. De volta à escola, têm direito a entender-se não apenas como passageiros do fim do dia, mas como persistentes passageiros do fim da cidade, dos campos, da organização do trabalho, da concentração da terra, da renda. Por que eles, elas, seus coletivos nesses fins-con-fins, nessas margens? Ao voltar à EJA, encontrarão respostas? Tais passageiros esperam ao menos que os conhecimentos e seus mestres lhes garantam seu direito a entender-se” (ARROYO, 2017.p.5)

Portanto, pensando nas dificuldades e esforços que estes educandos enfrentam para se manterem na escola, cabe aqui refletir a quem compete a responsabilidade da permanência e do êxito escolar destes educandos. Muitos educandos e alguns atores do sistema educacional diriam que a responsabilidade de êxito escolar é dos próprios educandos, mas conforme alguns teóricos a realidade é outra. Na maioria das vezes os maiores responsáveis pelo êxito e permanência escolar destes educandos é a própria instituição escolar e da eficiência das ações política-didáticas. Neste ponto uma citação de R. Pedralli & M. Rizzatti conversa bem com estas questões:

“[...] cabe à escola, e por consequências aos seus atores sociais, empreender as ações didático-pedagógicas tal qual se desenham ao longo da história e, como componente adicional, resultante desta realidade de evasão, proceder a um sem número de movimentos no espaço escolar que visem a “motivação” constante desses sujeitos à permanência escolar. A nosso ver, tal fenômeno não é reflexo da incapacidade de automotivação ou da ineficiência da tentativa de motivação de outrem para a permanência do aluno no espaço escolar, tampouco é causa a falta de esforço por parte dos educandos; tendemos a crer no movimento contrário: a evasão e consequência desse processo, o reflexo de uma realidade vivida por essas pessoas nos ambientes de escolarização. Tal realidade, grosso modo, em alusão a Bourdieu (1983), tem relação com o que seria central aos alunos para a sua permanência na escola, quando do ingresso em classes escolares: a construção da identidade institucional de aluno pelos atores sociais dessa esfera em todos os níveis [...]” (Pedralli & Rizzatti, 2013).

Em relação às discriminações e aos preconceitos enfrentados pelas pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade, busquei as contribuições de Galvão e Di Pierro (2007), que além de reconstituírem historicamente a constituição deste preconceito, apontam:

“Dentre os lugares-comuns que circulam nas conversações a respeito da educação na idade adulta está o ditado popular ‘papagaio velho não aprende’. De fato, umas das fontes do preconceito em relação aos analfabetos reside na suposição de que a ausência das habilidades de leitura e escrita ou sua aquisição ‘tardia’, quando adultos, restringiriam o desenvolvimento psicológico ou cognitivo dos indivíduos ou grupos

sociais. Os fundamentos científicos desse debate são frágeis, já que as teorias do desenvolvimento abordam quase exclusivamente a criança e ao adolescente, estando ainda por construir uma boa psicologia do adulto (Oliveira,1999). Embora escassos, a maior parte dos estudos psicopedagógicos recentes sustentam que as pessoas são plenamente capazes de seguir aprendendo em qualquer idade (Palácios, 1995), ainda que a pertinência a determinados subgrupos socioculturais ou etários possa levar à variância em determinadas características, estilos e funções cognitivas, como a memória, por exemplo. (GALVÃO & DI PIERRO, 2007.p.79)

As autoras citam ainda Izquierdo (1989) que afirma ser o esquecimento um fenômeno normal e necessário à atividade cognitiva, e que a redução da memória (ou mais precisamente da capacidade de evocação) “se deve à perda neuronal progressiva que tem início no primeiro ano de vida dos seres humanos, e que pode atingir proporções importantes em pessoas com idades superiores a 70 a 80 anos.” (GALVÃO & DI PIERRO, 2007.p.79)

Conforme demonstram as autoras, o preconceito contra as pessoas não escolarizadas é uma construção histórica, sem qualquer base científica quanto defasagens nas habilidades cognitivas. No entanto, este mito segue influenciando a sociedade em geral, e a comunidade escolar, incluindo os próprios educandos da EJA, como Jorge que, diante de uma questão de cunho pessoal, reagiu imediatamente dizendo não saber responder e, quando convidado a refletir, construiu sua intervenção.

CAPÍTULO 3 - Dificuldades e consequências enfrentadas por Jovens/Adultos por interromperem os seus estudos.

Durante a Roda de Conversa, muitas das considerações teóricas expostas acima foram ratificadas pelos educandos, dos fatores que dificultam e prejudicam essas pessoas a ponto de interromperem seus estudos. Em destaque coloco a ausência de apoio familiar, questões financeiras, desemprego da família que obrigam estes jovens/adultos pararem os estudos para trabalharem ou auxiliar a família nos afazeres domésticos e cuidados com os irmãos menores ou outros parentes, viabilizando que seus pais e irmãos mais velhos trabalhem fora de casa. Outra questão recorrente são as dificuldades para retomada dos estudos. São as questões de responsabilidade exclusiva na organização familiar, como o cuidado dos filhos e cônjuges, dimensão que afeta principalmente as mulheres sendo um fator dificultador para retomar seus estudos. Intercaladas com falas de vivências dos educandos da EJA, como consequência enfrentadas por jovens/adultos por interromperem seus estudos, daremos ênfase as questões a oportunidades melhores de emprego e questões de preconceitos e discriminações enfrentadas por estas pessoas tanto no trabalho, na família e na própria escola por terem abandonado os estudos.

3.1 Dificuldades

“Remando contra a maré”

.. quando ela se refere à EJA, tem uma alegria e uma motivação na voz, bem diferente do sentimento que manifesta quando fala do estar só, sem o apoio da família: “[...] vou falar a verdade tenho dificuldade e me sinto só, mas estou aqui e não vou desistir. [...] venho porque tenho vontade, eu quero aprender a ler e escrever direitinho, chego aqui à professora me incentiva e os colegas também é bom isso né?”. (Bianca, 2018)

Durante o período de observação e nas Rodas de Conversa o principal fator para o abandono, e para o retorno à escola, são as questões relacionadas ao mundo do trabalho, em contextos familiares adversos, marcados pela falta de recursos materiais.

Outro motivo que revela o impacto das relações familiares nos estudos de jovens e adultos é a questão de inseguranças pessoais e responsabilidade exclusiva sobre a organização familiar, quanto ao cuidado com os filhos e cônjuges. Tais dimensões revelam as desigualdades entre homens e mulheres, expressas como os ciúmes do cônjuge ou quando as filhas mais velhas

e segundas filhas se vêm obrigados a parar seus estudos para cuidar dos irmãos menores para que os pais possam trabalhar para o sustento da família, ou ainda quando estas têm que cuidar de familiares enfermos e idosos. Exemplo disso é o depoimento de Bianca:

“Tive muitas dificuldades na infância que me prejudicou muito a ponto de parar os estudos, meu pai faleceu, minha mãe trabalhava na roça, quando a gente foi para Recife, e como minha mãe não sabia nada, nem ler nem escrever, a vida nossa mudou né, ela perdeu tudo que tinha, ela não soube voltar depois para recuperar o que era dela, então perdeu tudo, e a gente estava passando fome né, então eu tive que parar de estudar para poder trabalhar e ajudar minha mãe, com 12 anos de idade eu já trabalhava na casa dos outros.[...]” (Bianca, 2018)

Os entraves para a permanência na escola parecem apontar para questões pessoais ou familiares, como no ditado popular: “Cada um com seus problemas”. No entanto, quando analisados criticamente, a maioria desses obstáculos são oriundos de problemas na economia do país instabilidades políticas e desigualdades históricas entre diferentes grupos, como demonstram Galvão e Di Pierro em relação ao analfabetismo:

“[...] o analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação dos direitos coletivos, e sim como uma experiência individual de desvio ou fracasso, que provoca repetidas situações de discriminação e humilhação, vividas com grande sofrimento e, por vezes, acompanhadas por sentimento de culpa e vergonha [...]” (Galvão e Di Pierro, p.15, 2013).

Refletindo, penso que a maioria das pessoas que vivem esta situação não percebem a realidade, culpam a si ou a suas famílias pela evasão e fracasso escolar, não percebem que os motivos desencadeadores estão relacionados à perversa estrutura social.

“Para mim foi assim, entrava na escola e tinha que aprender logo, porque logo meus pais tiravam a gente da escola, para ficar com os menores para os mais velhos e meus pais irem trabalhar”. (Elaine, EJA, 2018)

“Quando eu parei de estudar foi porque tive que trabalhar, meu pai adoeceu aí tive que escolher ou trabalhava ou estudava não conseguia fazer os dois, aí não teve outro jeito” (Daniel, EJA, 2018)

Os depoimentos demonstram que a falta de emprego e trabalho dos seus pais e responsáveis é a mais importante causa da evasão escolar e baixa escolaridade. Oras, sabe-se que um pai e uma mãe de família na maioria das vezes não conseguem um trabalho, é por falta de oferta e oportunidades e não porque eles não querem trabalhar. Aprofundando-se neste problema busca-se saber o porquê falta emprego e porque os salários são insuficientes para atender as necessidades básicas das famílias da classe baixa assalariada.

Estes questionamentos já seriam suficientes para refletir e perceber que o “problema” do analfabetismo, ou baixa escolaridade, não está centrado nas escolhas dos adolescentes e nos jovens/adultos apenas, mas sim neste processo de exclusão social; o desemprego.

O desemprego pode desencadear outros problemas como a fome, falta de moradia, problemas psicológicos (depressão, ansiedade) ao trabalhador e a sua família, e ainda preconceitos e discriminações.

Apesar dos avanços tecnológicos e do mundo globalizado vemos que as taxa de desemprego no Brasil continuam altas aliás, aumentaram consideravelmente nos últimos anos². O cenário político e econômico descrito, e as perspectivas de futuro apontadas, revelam que o desemprego, para alguns grupos sociais, é constante e não está diretamente relacionado à escolarização, daí a necessidade de a EJA tomar o próprio mercado de trabalho como objeto de reflexão para seus educandos, possibilitando que possam se livrar da culpa pelos aparentes fracassos.

A partir de 2016, foi imposta ao País intensa instabilidade, que afugentou investimentos, provocando fechamento de empresas, com a consequente redução de postos de trabalho e queda no consumo (Faculdade Unyleya, 2020). Outra questão que tem diminuído e até extinto as ofertas de emprego nas últimas décadas é a substituição da mão de obra por máquinas

“as indústrias estão tornando-se mais modernas e mecanizadas, utilizando mais máquinas e menos trabalhadores em sua linha de produção [...] o emprego da tecnologia não é visto somente dentro dos galpões das fábricas, como se pensava antigamente. O agronegócio é um setor que tem adotado o uso de diversos equipamentos, desde o preparo do solo e irrigação até a colheita e acondicionamento dos produtos para a venda. Por exemplo, são utilizados drones para identificar pragas e doenças de forma mais rápida e eficiente – realmente é um serviço em que é difícil o ser humano competir[...] Outro problema que gera desemprego e entende-se como consequência da substituição de mão de obra por máquinas e que as empresas buscam e exigem cada vez mais, é a capacitação profissional de seus colaboradores e nas novas contratações: “[...] Em tempos de crise, os primeiros cargos cortados são aqueles que podem ser substituídos por algo que custe menos (máquinas, softwares) ou podem ser exercidos por uma pessoa que já tem outra função dentro da empresa” (Faculdade Unyleya, 2020)

Em 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a taxa de desemprego ficou em 11,8 no trimestre encerrado em setembro, atingindo 12,5 milhões de pessoas, “emprego sem carteira assinada e trabalho por conta própria seguem em patamar recorde. Desemprego segue persistente, e as vagas criadas são precárias: 41% dos ocupados são informais (G1. Educação.2019).

As informações sobre a economia do país confrontam-se com algumas falas dos educandos da EJA, na visão “deles” relacionados a oportunidades de emprego, suas causas e consequências:

“Se não estudar só vai aparecer bucha de canhão, saco de cimento nas costas pedra na cabeça, se você tem um estudinho mais ou menos arruma uma coisa mais ou menos, não precisa ter uma faculdade mais o conhecimento de alguma coisa. Para arrumar um cargo melhor em empresa, tem que ter muita sabedoria na escola, no local do serviço, fazer um curso de alguma coisa, senão não vai não, morre ali daquele jeito. Agora meu objetivo aqui é ler e escrever, nunca tinha ido para a escola, esta é a minha primeira escola” (Fábio, 2018)

“[...] Você volta a estudar porque está correndo atrás de um sonho... Para crescer na vida, ter emprego bom né, senão não aparece oportunidade boa, por isso precisamos do estudo. [...]” (MANOEL, 2018)

Podemos perceber nas falas dos educandos Fábio (45) e do Manoel (40) que são carregados de um sentimento de culpa pelos fracassos profissionais, e a consciência que eles têm em saber que somente pelo estudo que iram conseguir empregos melhores e com salários mais justos, fica evidente aqui a falta de percepção deles sobre as reais causas do desemprego que já falados anteriormente, ou seja, da exclusão social. Outras falas de educandos da EJA evidenciam as relações de trabalho como causas e consequências tanto do abandono escolar quanto seu retorno.

“Consequência de ter parado os estudos foi a perda de um emprego, fiquei três meses numa empresa, aí o cara queria que eu subisse de cargo, mas mesmo eu querendo eu disse que não dava não tinha condições, se eu assumisse tinha medo que alguma coisa desse errado e então mesmo querendo desistir, hoje em dia você perde muita oportunidade por não ter estudo. Em outro emprego, o cara queria me colocar de gerente numa loja, mas não colocou porque eu não tinha o 2º grau.” (GERALDO, 2018)

“[...] e a gente estava passando fome né, então eu tive que parar de estudar para poder trabalhar e ajudar minha mãe, com 12 anos de idade eu já trabalhava na casa dos outros[...].” (Bianca, EJA, 2018)

Para as mulheres, além dos desafios com o mundo do trabalho outra questão recorrente são os preconceitos e discriminações sofridas no âmbito familiar e na sociedade evidenciadas nas cobranças de tarefas atribuídas a seu papel social, em especial quando é casada, mãe, dona de casa, e é obrigada a carregar um peso maior de responsabilidade do que os homens casados, no que se refere aos cuidados da casa e dos filhos. O depoimento de Bianca exemplifica este sentimento de cobranças e dificuldades para frequentar a escola:

“Tive muitas dificuldades na infância que prejudicou muito a ponto de parar os estudos, meu pai faleceu, minha mãe trabalhava na roça, quando a gente foi para Recife, e como minha mãe não sabia nada, nem ler nem escrever, a vida nossa mudou né, ela perdeu tudo que tinha, ela não soube voltar depois para recuperar o que era

dela, então perdeu tudo, e a gente estava passando fome né, então eu tive que parar de estudar para poder trabalhar e ajudar minha mãe, com 12 anos de idade eu já trabalhava na casa dos outros. Depois, cresci e tinha vergonha de voltar para a escola, porque eu pensava que os outros iriam ficar achando-me velha né, a até hoje, ... meu esposo diz: ‘Agora, porque agora você tem que voltar a estudar, depois de velha?’ Mas primeiramente e depois outras pessoas me incentivaram, tinha uma vizinha senhora de 71 anos que conseguiu terminar os estudos, ia na minha casa e dizia ‘porque você não volta a estudar?’ eu dizia que não voltava porque tinha vergonha, então ela me dizia ‘Eu terminei meus estudos’ e ela terminou mesmo os estudos esse ano, aí eu criei coragem, mesmo meu marido sendo contra e falando um monte de coisas, por isso eu sinto muita dificuldade, vou falar a verdade tenho dificuldade e me sinto só,... mas estou aqui e não vou desistir...ele (o esposo) sabe ler bem e ele vem na escola para fazer eu desistir, até se matriculou também na EJA para fazer eu desistir eu sei, ele disse que vem até eu cansar, mas ele não vai fazer eu desistir, ele quer que eu desista, entende? Tem dia que meu marido fala : ‘hoje eu não vou’, mas aí eu falo pra ele, eu vou, minhas filhas falam eu vou para academia, outra fala que vai não sei pra onde...aí eu falo pra todo mundo; não tem problema eu vou a pé sozinha mesmo, aí eu vou e ele fica com muita raiva de mim,... eu venho porque tenho vontade, eu quero aprender a ler e escrever direitinho, chego aqui a professora me incentiva e os colegas também é bom isso né?”(BIANCA, 2018)

Apesar de toda força de vontade de Bianca, é nítido que, para ela, estudar é como “remar contra a maré a família reage como se ela fosse uma “refém” do seu próprio lar, que os afazeres domésticos fossem mais importantes que sua vida pessoal e suas vontades. Parece que o fato dela se sujeitar a estes caprichos da família faz com que ela perca aos poucos sua identidade como mulher e cidadã de direitos, direitos a estudar, sair, trabalhar, visitar seus amigos e se divertir.

As dificuldades desta mulher em se manter na EJA realmente são imensas, pois no período de imersão da RPEJA, observei que ela pouco vai às aulas. A situação de Bianca é um tipo de violência psicológica, praticada pelo companheiro e pelas filhas, como demonstra Miranda:

“A violência psicológica é qualquer ato agressivo que cause algum dano emocional ou à autoestima da vítima “expresso através da tentativa de controlar suas ações, crenças e decisões, por meio de intimidação, manipulação, ameaças dirigidas a ela ou a seus filhos, humilhação, isolamento, rejeição, exploração e agressão verbal” (FONSECA; LUCAS, 2006, p. 09). Pode ser mais prejudicial do que a agressão física, tendo em vista que as marcas deixadas por ela são interiores e não exteriores. Assim, a mulher vítima de violência psicológica acaba tendo uma visão negativa de si mesma e se afastando dos relacionamentos sociais e desenvolvendo problemas relacionados a saúde mental que podem causar danos irreversíveis.” (MIRANDA, Unipar, 2015)

A opressão de um companheiro preconceituoso e violento é umas das maiores dificuldades enfrentadas por mulheres, mães, dona de casa, que desejam estudar. No caso das educandas, podemos perceber nelas uma garra muito grande e um desejo de sair da mira de seus opressores, e para Bianca a EJA se constitui em um “porto seguro” no qual ela encontra amigos, conhecimentos, se sente apoiada e abraçada pela comunidade escolar, conseguindo muitas vezes resgatar sua identidade perdida.

Essa outra educanda sofreu na própria pele a discriminação por ser mulher e por estar sob o jugo de seu pai: “[...] meu pai dizia “mulher não precisa estudar não, porque o homem que vai manter a casa, olha que ignorância, não acha? Muita ignorância. [...]” (MARIA, 2018)

Eu também passei por discriminação na empresa de contabilidade na qual trabalhei por ter pouco estudo e por ter inicialmente trabalhado no serviço de limpeza (tão digno como outro trabalho qualquer) às vezes ouvia uns comentários preconceituosos questionando minhas capacidades eu já tinha sido rotulada, e parecia que nada que eu fizesse no sentido de me desenvolver na empresa, me tiraria o rótulo de “incapaz”.

Lembro um dia em que participei de uma reunião do departamento jurídico na qual eu estava inserida como auxiliar do departamento, e que a advogada chefe disse:

“Gente para vocês terem uma ideia, do que é a função da Elienai no nosso departamento, ela funciona aqui como se fosse uma gandula (pessoa encarregada de buscar, e devolver aos jogadores, as bolas que saem do campo durante uma partida. Criança que não tem ocupação; criança vadia. <https://www.dicio.com.br/gandula/> acesso em 16/04/2020 as 11:43h). E ela vai ajudar a gente no que precisar, pegando uma bola aqui outra lá...”, era constrangedor porque falavam da minha pessoa como se eu não estivesse ali, me sentia discriminada por isso.

Fiquei ali por 5 anos, depois saí porque não gostava de contabilidade e para crescer ali teria que fazer uma faculdade na área. Toda esta discriminação que passei, foi difícil, mas não fez eu desistir do meu sonho de continuar os estudos, ao contrário serviu de incentivo para eu correr atrás dos meus sonhos.

As reflexões de Casarino, Quevedo & Gervasoni sobre as necessárias lutas cotidianas das pessoas que não atendem aos padrões de normalidade impostos, sintetizam a vida das educandas da EJA:

“Aqueles que possuem uma identidade ferida e de auto desvalorização por ser mulher, negro, homossexual, velho demais para a sociedade que valoriza o frescor da juventude, feio ou feia para os “padrões” estéticos da moda e mídia, gordo ou gorda, indígena ou portador de necessidades especiais precisam de metamorfoses diárias, de se transformarem em leões, para ter a liberdade e a coragem de negar o “dever-ser” e os valores que lhe foram atribuídos historicamente, permitindo espaço à construção de novos valores” (CASARINO, QUEVEDO, GERVASONI, 2014.p.9)

Nesse sentido, a permanência das mulheres na EJA é, por si só, uma possibilidade de construção de novos valores, não apenas individuais, mas também coletivos, que qualifiquem positivamente as mulheres não adolescentes como produtoras de conhecimento e pessoas autônomas (FREIRE, 1967)

3.2 Consequências

Rotulados pela sociedade

“Jesus e agora? [...] gelei, então tinha um rapaz do meu lado e aí eu pedi se ele podia me ajudar, [...], mas vocês acreditam que o supervisor ficou na minha cola a ponto de dizer ‘Será que você consegue ao menos pegar na vassoura e no rodo, já que você nem consegue colocar seu nome aí no papel’, eu respondi ‘sei sim, muito bem’ fiquei com tanta vergonha, porque ele viu que eu não conseguia escrever.” (MARIA, 2018)

Depois de falarmos sobre as dificuldades enfrentadas por jovens e adultos no seu ingresso tardio e retorno escolar, trataremos agora das muitas consequências sofridas pelo abandono escolar. Algumas delas: descasos, humilhações falas carregadas de preconceito advinda da sociedade e no seio familiar, exemplo disso é a forma como são rotuladas as pessoas com baixa ou nenhuma escolarização, com termos pejorativos, como por exemplo: “sem cultura”, “cego”, “ignorante”, “preguiçoso”, “mal elemento”, “problemático”, “incapaz”, entre outras.

Muitas vezes os próprios jovens e adultos inseridos neste processo de evasão escolar internalizam isso e acabam se rotulando, afirmando erroneamente o que a sociedade diz de forma preconceituosa. Como demonstram as falas a seguir:

“A pessoa que não sabe ler eu a considero como “cega”, como se fosse, sabia? eu tenho por mim quando eu não lia, você não vê nada na sua frente, não vê uma informação, você até vê, mas não sabe o que significa, você entrega uma carta para um cara mandando te matar e você acaba morrendo porque não sabe ler.” (FÁBIO, 2018)

Na citação acima o educando Fábio considera pessoas com “pouco ou nenhuma leitura” como “cegas”, deficientes, incapazes, sem condições de se proteger de perigos e se achando impotente para resolver problemas do cotidiano.

Interessante que a própria trajetória de vida dos educandos demonstra sua capacidade de trabalho, relações pessoais e interações sociais, mas ainda assim reforçam a relação entre ausência de escolaridade e incapacidade.

Maria, a educanda que foi humilhada pelo supervisor por não conseguir preencher a ficha de emprego, sentencia:

“[...]Hoje em dia fica muito difícil uma pessoa que não sabe ler e escrever arrumar serviço porque empresa nenhuma pega. Outra vez fui preencher outra ficha aí não conseguia também, então pedi para a secretaria, ela fez para mim, só que depois não fui chamada. [...]” (MARIA, 2018). Na agressão sofrida por Maria, o supervisor também relaciona a baixa escolarização com deficiência intelectual ou motora.

Joana, não consegue ler o nome do ônibus e relata que abandonava a escola todas as vezes que não “conseguia acompanhar”:

“Meu primeiro emprego sabe como foi para mim pegar um ônibus? eu pedi para uma pessoa escrever o nome para quando chegasse eu olhar as letras da placa, aí Deus foi me dando sabedoria e eu fui aprendendo a ler as letras dos ônibus. Comecei a estudar, assim eu sei ler as letras, mas não consigo juntar as letras e formar as palavras certas. Mas só que quando eu entrava na escola e via que não estava acompanhando os outros, eu saio.” (JOANA, 2018).

A situação de Maria é, segundo Rizzati e Pedralli (2013), experienciada frequentemente por inúmeros educandos da EJA que percebem os desafios de aprendizagens como dificuldades pessoais, incapacidades, que os levam a abandonar a escola. As autoras afirmam que este grupo, por diferentes razões, não encontra condições necessárias para construir sua identidade de estudantes, e se afastam da escola.

Fabio, por sua vez, tem expectativas em relação ao mercado de trabalho. Aos 44 anos, uma vida vivida, nunca tinha ido à escola, e relaciona a falta de escolarização com trabalhos braçais e exploração física e financeira: “Se não estudar só vai aparecer bucha de canhão, saco de cimento nas costas pedra na cabeça” (FÁBIO, 44 anos)

Galvão e Di Pierro (2013) demonstram que as falas dos educandos, na Roda de Conversa, apontam para a mais perversa das consequências da não escolarização, que é a identificação dos próprios sujeitos com a imagem de incapazes e deficientes:

“ Os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da autoestima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas e difundidas pelos meios de comunicação social [...] dentre as quais a mais recorrente é aquela que identifica o analfabetismo à “escuridão” da “cegueira”, ao analfabeto ao “cego”, e a alfabetização à redentora “retirada da venda dos olhos” e saída das “trevas da ignorância”. Mas que limitação sensorial, a “cegueira”, quando utilizada no discurso público como imagem do analfabetismo, tem a conotação de deficiência moral e intelectual: o analfabeto é concebido como um ser ignorante e desprovido de meios de discernir entre o certo e o errado. A imposição do estigma faz que esse mote seja assimilado e reproduzido na fala dos próprios analfabetos.” (GALVÃO & DI PIERRO, 2013, p.24).

Refletindo penso que a contribuição do(a) Docente da EJA é fundamental para estes jovens/adultos que conseguiram com muita garra retomar seus estudos, este(a) deve ter um olhar compreensivo e mais humanizado para estes alunos, não se restringir somente as aulas

determinadas no currículo da EJA, mas promover rodas de conversa para que eles possam se expressar, expondo suas dificuldades nas matérias e das dificuldades que eles enfrentam no cotidiano para estarem ali.

Acredito que desta forma ela aproximaria mais os alunos da comunidade escolar, e teria uma percepção maior sobre as possíveis evasões e tentar reverter estes problemas. Tem um trecho da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire que conversa de forma brilhante com estas questões, de como o professor deve planejar suas aulas de maneira que proporcione um despertar curioso no “querer aprender” dos educandos e de forma a respeitar e aproveitando os conhecimentos dos educandos:

“Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reaccionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.” (FREIRE, p.15, 2002)

3.3 Motivações Pessoais

Os relatos na Roda de Conversa apontam motivações diferentes, entre homens e mulheres, para o retorno à escola. Enquanto os educandos evidenciam uma forte expectativa em relação ao mundo do trabalho, e sonhada ascensão social, ou pelo menos, uma vida menos sofrida, com menos desgaste físico, as educandas apresentam motivações pessoais, ou relacionadas à família.

“Eu sou da Bahia, é a primeira vez que venho para a escola, agora com todos os filhos criados vim para escola... quando cheguei aqui nem meu nome eu sabia assinar, escrevia tudo errado faltando letra, ai agora a poucos dias atrás eu fui no banco para fazer a biometria, comprovar vida né, ai assinei já tudo direitinho pois já tinha aprendido aqui na escola, então a mulher do banco desconfiou, olhava para minha assinatura, olhava para o computador (assinatura antiga) e olhava para mim, achou que eu estava cometendo uma fraude, que eu era outra pessoa, pois a assinatura não batia com a antiga do computador, que estava tudo errada, não tinha uma letra certa, ai ela falou: ‘nossa é você mesma que assinou aqui?’ -mostrando no computador - por que é totalmente diferente da que você assinou hoje, está perfeita até parasse que você é professora’, ai minha filha que estava comigo, falou : ‘não, é ela mesma, é que ela voltou a estudar e agora sabe ler e escrever perfeitamente’, ai foi que ela virou o computador para gente ver, nossa estava mesmo horrível a letra, faltando letras, outras trocadas muitas vezes eu tive vontade de desistir de estudar, até hoje, mas a minha filha que é professora diz; ‘não mãe a senhora não pode desistir, aí eu penso ‘verdade, sem leitura é difícil até para pegar ônibus, a gente fica com medo, tudo é difícil.’ (ELIANA, 2018)

A história de Eliana mostra bem como as motivações pessoais para o retorno aos estudos reflete a busca da inserção da pessoa na vida social, como se a falta da escrita a deixasse a margem da sociedade. A história de Eliana é de superação no sentido de que o que ela buscava vencer os medos e as discriminações sofridas no passado, o que ela queria era a valorização pessoal, o resgate da sua autoestima, e parece ter conseguido, pois quando relata a sua história, fala com muito orgulho e satisfação.

Relato a trajetória escolar de Eliana me lembro das minhas próprias motivações para o retorno à escola. Quando retomei meus estudos estava numa fase complicada, trabalhando fora, com filhos pequenos, morando em lugar longe do centro urbano. Mas é neste cenário da minha vida, com 34 anos, que acontece o retorno à escola, chamada EJA hoje, naquela época “suplência”.

Você que está lendo este Relato de Experiência pode estar se perguntando “Porque foi neste momento, trabalhando, com filhos pequenos, e morando num lugar de difícil acesso que Eliana resolveu e deu um jeito de voltar a estudar?” Explico, em diálogo com os relatos da Roda de Conversa.

No primeiro momento foi porque cheguei ao auge da necessidade financeira: salário baixo, mal conseguíamos pagar as despesas básicas, como água e luz, sem casa própria, morando de favor na casa de parentes..., único jeito que eu entendia ser o melhor era terminar os estudos, o ensino médio, chegar a uma faculdade, me especializar e conseguir empregos com rendimentos melhores.

Outra motivação foi o aflorar daquele antigo desejo de estudar, não tanto como status para dizer que sou formada e tal, mas sim, a vontade de aprender, conhecer coisas novas, interagir com pessoas com as mesmas ambições que eu, resgatar minha identidade como educanda, ser mais respeitada na sociedade, na família, no trabalho.

Analisando criticamente as razões que me fizeram parar e dos motivos que me fizeram retornar à escola, percebo que alguns deles são os mesmos, por exemplo parei de estudar no passado porque precisava trabalhar para suprir minhas necessidades financeiras, o tempo que eu tinha não era suficiente. Dez anos depois, na busca de melhores condições de trabalho e remuneração me fizeram voltar.

Quando retomei a EJA (ensino médio), tive que ter muita força de vontade, pois saía de casa às 6:30 da manhã, trabalhava o dia todo em São Paulo e ia direto para o supletivo em Mairiporã, na “Escola Estadual Arthur Weingrill” saía às 11:00h da noite e chegava em casa à

meia-noite, foi um ano e meio nessa vida, muito difícil porque não ficava mais com meus pequenos, só de final de semana. Mas apesar das dificuldades foi muito bom retornar aos estudos, foi gratificante, tinha a sensação de renascer, recuperar minha identidade perdida, nascia dentro de mim uma nova esperança de chegar à faculdade.

Depois que terminei a EJA, até que melhorou um pouco minha situação profissional, fui promovida de cargo na empresa, como já havia dito, o meu salário aumentou um pouco mais, mas passados um tempo, percebi que não foi muita coisa que melhorou, percebi naquele momento que o estudo era importante, mas não era garantia de você ser bem sucedido na vida.

Havia muito mais coisas envolvidas nisso, entre várias, por exemplo, as oportunidades oferecidas, a concorrência de pessoas mais experientes que você dentro da empresa, pessoas com mais estabilidades que eram mais bem remuneradas, por terem cargos de confiança.

O difícil foi aceitar que a falta de estudo foi somente um dos motivos para os insucessos da vida e não o único, ou principal. Outro desafio naquele emprego era a discriminação, como já indiquei anteriormente, pelo fato de ter iniciado nos serviços de limpeza.

A empresa era totalmente informatizada com os departamentos conectados por um Messenger, e dez linhas de PABX. Quando fui promovida para trabalhar na recepção, tinha que atender todo este sistema só, e era chamada de lenta, devagar, mas eu não tinha nenhum problema cognitivo, só não tinha conhecimento dos sistemas e da informática, e precisava de tempo para aprender.

Só que não tive esse tempo, aprendi tudo na prática, sem treinamento anterior, mas as pessoas não entendiam isso, me criticavam me discriminando por eu ter vindo do departamento de limpeza. Também, me achavam incapaz, mas venci meus medos... fui desafiada e procurei mostrar o meu melhor. Com a prática do dia -a -dia consegui aprender tudo do sistema e depois de um tempo fui conseguindo atender com mais habilidade e rapidez as ligações externas e internas.

Assim como eu, os educandos da EJA são cobrados por experiências da cultura escolar que não tiveram, e por isso se acham incapazes. Assim como eu, os educandos da EJA precisam de tempo para compreender o funcionamento da engrenagem – no caso a escola -, mas muitas vezes isso lhes é negado, ou se sentem tão incapazes que vão embora novamente, como apontam Cerrutti & Rizzatti:

“A construção ou o estabelecimento da condição de *insider* nas diferentes esferas da atividade humana, incluindo a escola, dependeria, como defendemos anteriormente, da compreensão do sujeito e dos outros acerca de sua condição de membro do grupo ou,

como afirma Bourdieu (1983), depende, dentre outros fatores, da *construção de identidade institucional* do aluno. E, em boa medida, dependeria do estabelecimento desta condição ou da aproximação dela a ressignificação das práticas *de letramento* dos sujeitos na esfera escolar e a permanência deles nessa esfera.” (CERRUTTI & RIZZATTI, 2013)

Quando eu entrei na EJA, no Ensino Médio, já tinha dentro de mim a intenção de terminar a faculdade, mas este sonho demorou um pouco, somente depois de 13 anos (2016) consigo ingressar, com 44 anos e minha filha caçula com 2 anos de idade.

Com o nascimento de minha filhinha renasceu o desejo de fazer uma faculdade; pensei comigo “É agora ou nunca”, e assim foi: fiz o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2015, e sem pretensão alguma, surpreendentemente consegui uma vaga no SISU (Sistema de Seleção Unificada) e uma vaga pelo ProUni (Programa Universidade para Todos) optei pela Faculdade Pública conseguindo assim entrar na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), no curso de Pedagogia, e hoje (2021) já prestes a colar grau, me sinto plena.

Hoje não enxergo mais os estudos como sendo somente uma ponte para o sucesso profissional e financeiro, mas muito mais que isso, uma realização pessoal, um troféu, percebo que não existem fronteiras para quem quer alguma coisa, não existe preconceitos, nem discriminações, nem condições sociais, e que só se chega ao topo aquele que escalar a montanha das suas próprias dificuldades. Finalizo o diálogo de minha experiência pessoal e com os relatos dos(as) educandos(as) da EJA, com as reflexões de Miguel G. Arroyo (Arroyo, 2017), sobre a luta pelo retorno à escola:

“Essas experiências como passageiros da cidade e dos campos, seus olhares e interrogações não mereceriam dias de estudo com os próprios adolescentes, jovens-adultos? Olhares, perguntas a enriquecer os currículos e os estudos do espaço a partir de suas vivências, itinerários. Esses passageiros trazem interrogações pedagógicas: toda passagem carrega sentimentos de insatisfação com o lugar social, racial, com o viver. Também toda a passagem é motivada por um sentimento de esperança, de incerteza. A EJA condensa esses fortes sentimentos de incerteza e esperanças. Com que artes pedagógicas trabalhar estes sentimentos humanos tão fortes, tão nos limites? Sentimentos que não são novos, que os acompanha desde o primeiro itinerário para a escola: esperança de uma vida melhor. (ARROYO, 2017, p.3,4)”

CAPÍTULO 4 - Avaliação dos resultados de aprendizagem obtidos

E vamos à pergunta final: Como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) contribuiu para a minha formação como profissional da Educação?

Primeiramente, percebo que este Trabalho me trouxe um novo olhar para a realidade da EJA e dos educandos Jovens e Adultos. hoje, entre muitas questões na vida destes educandos, que o processo de elaboração deste trabalho me ajudou a elucidar, tanto na Roda de Conversa da turma da EJA quanto no Documentário Fora de Série, está a luta dos educandos *por valorização de sua identidade de estudante*, porque até então eu tinha somente percepção da minha experiência como educanda egressa da EJA, agora tenho uma percepção mais ampla, de uma condição que é pessoal, mas marcada por condicionantes coletivos... históricos, culturais, econômicos e sociais.

A elaboração deste TCC me fez perceber que preciso ser uma Docente voltada para as questões sociais e culturais, dos educandos que passarão por mim, já desde os pequenos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, tentando identificar nestes alunos crianças as marcas destes problemas de desigualdades e discriminações, fazendo o possível para evitar que os impeçam de prosseguir nos estudos.

Já nos educandos Jovens/adultos meu olhar será mais atento, e trabalharei no sentido de ajudá-los na identificação e superação do estigma que lhes é imposto, estimulando o gosto pela produção de conhecimento, trabalhando incansavelmente de forma a eles conseguirem o objetivo a qual eles se propuseram, seja de se formarem na EJA ou chegarem até a Graduação/pós/doutorado.

Concluindo este Trabalho (TCC) e consequentemente o curso de Licenciatura plena para o exercício do magistério, me sinto realizada, neste momento até me exponho um pouco sobre minhas projeções para o futuro, e como eu fiz com os educandos da EJA quando lancei a pergunta o que eles fariam após terminar a EJA, e a quem lê agora também e pudesse me perguntar: o que você fará após a Graduação de Pedagogia?

Eu responderia que gostaria muito de me especializar na área para o ensino de alfabetização de Jovens e Adultos, uma pós nesta área, a experiência na minha trajetória escolar e este trabalho me proporcionaram isso, o desejo de contribuir singelamente com estes educandos, ajudando-os nesta busca por estudar e a se reencontrarem como cidadão de direitos

e deveres dentro desta sociedade letrada que tem ainda muito que aprender com estes educandos da EJA.

Finalizo esta reflexão com Paulo Freire (2002), que conversa muito bem com minha fala, de como espero ser na minha carreira como educadora:

“Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da **heteronomia** para a **autonomia**, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.” (FREIRE, p.28. 2002)

Em síntese, a trajetória no curso de Pedagogia de maneira geral, e o processo de produção deste TCC, particularmente, me impulsionam, como educadora, não me omitir.... atuar com transparência, ética, amorosidade, mas, acima de tudo, respeito pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este trabalho faço uma reflexão, analisando as trajetórias escolares e de vida descritas. Concluo que as manifestações de discriminações e preconceitos em relação às pessoas com poucos ou nenhum estudo na maioria das vezes foram ressignificadas pelos sujeitos, e tornaram-se motivações para retornar à escola.

Penso que os motivos de falta de dinheiro e melhores condições de emprego são razões superficiais para a retomada dos estudos, percebe-se que o que impulsiona mais estes jovens e adultos ao retorno escolar, é um sentimento de “ser incapaz” provocados pelas discriminações que os excluem da sociedade, do que por outras razões como falta de dinheiro, desemprego, por exemplo. A sociedade é cruel com aqueles que não tem ou que tem pouco estudo, e nem estou falando daqueles que não leem e nem escrevem, destes a crueldade e a discriminação são maiores.

Quanto mais estudo se tem mais respeitadas as pessoas são na sociedade, o respeito e as honrarias são classificadas em graus, por exemplo, se você tem só o fundamental I e II as pessoas pensam “Bom pelo menos sabe ler e escrever bem”, se tem o Ensino Médio, dizem: “Há já é alguma coisa, dá até pra arrumar um empreginho melhor”, se tem nível superior: “Tem faculdade? ai sim, você é uma pessoa esforçada, inteligente”, se tem pós-graduação e mestrado, doutorado, nossa aí você é inteligentíssimo, esforçadíssimo, bem sucedido, você é olhado com respeito e admiração.

Ou você é letrado ou você tem que ter muito dinheiro, como se o dinheiro fosse uma “compensação” para sua falta de estudo. Mas se você tiver os dois, bom aí você é considerado um “rei”, é respeitado e elogiado com todas as honrarias que se pode imaginar. Mas como mudar o pensamento desta sociedade? Quase impossível. Penso que estas mudanças poderiam acontecer devagar, começando com o respeito e valorização do conhecimento adquirido na vida vivida.

Finalizo dizendo que ninguém deveria ter que estudar para ser respeitado ou provarem sua capacidade intelectual. O respeito é inerente à condição humana, e as qualidades pessoais valorizadas deveriam estar referenciadas em atitudes que contribuem para a vida coletiva, como a solidariedade e respeito pelas diferenças.

Não tiro aqui a importância do estudo, ao contrário, penso que se a sociedade não fosse tão excludente com os de pouco estudo, sem pressão e cobrança, cada um a seu tempo poderiam

buscar no estudo o aprimoramento de suas aptidões, ou buscar no estudo o aprender de algum ofício para uma qualificação profissional para melhores salários. Ou simplesmente buscar estudar pelo prazer de aprender e para se socializar com outras pessoas, independentemente se fosse uma alfabetização de adultos, a EJA, ou uma graduação/pós/doutorado.

No alfabetizar-se para conseguir ler um livro, uma carta, uma placa, ler mensagens nos seus celulares e computadores, ler uma receita médica ou uma receita culinária, conseguir ler a letra de uma música que gosta, entre muitas outras coisas. Ou irem galgando os estudos até chegar a um doutorado/mestrado para realizar coisas importantes que venha a favorecer a humanidade com suas pesquisas e descobertas.

Mas se a pessoa também não quisesse estudar, deveria ser respeitada pelo que ela é, pela sua bondade, pela sua capacidade de raciocinar, resolver um problema do cotidiano com sabedoria e paciência, pela capacidade de formar e cuidar de uma família, pela sua fé e devoção à vida.

REFERENCIAS

ARROYO, M. G. Passageiros – em que passagens humanas? In.: **Passageiros da Noite- do Trabalho para a EJA**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932800_ARQUIVO_SIMPOSIONACIONALDEHISTORIA.pdf acesso em 27/01/2021 às 14:26.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de Classe e Estilo de Vida**. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.

CARRANO, Paulo. **Fora de Série: Um filme do Observatório Jovem do Rio de Janeiro**. UFF – Universidade Federal Fluminense. Ano 2018. <https://www.filmeforadeserie.com>. Acesso em 27/01/2021 às 15:02h.

CASARINO A. F. T., QUEVEDO R. E., GERVASSONI A. T. **A Discriminação Contra a Mulher: Análise Histórica e Contemporânea** – Anais da Semana acadêmica FADISMA ENTREMENTES – ISSN: 2446- 726X – edição 11 – ano 2014 – Rio Grande do Sul, Brasil.

Catálogo de Teses e dissertações: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Data de acesso 22/01/2021 às 15:22h.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. MUNAKATA, Kazumi. RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O Livro Didático e a Formação de Professores**. Simpósio 6/9: Universidade Federal de Pernambuco. Dionísio/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Munakata/ Universidade Estadual de Campinas. Razzini. Ano 2004.

FERRARI, S. C.; AMARAL, S. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente? 2011**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15840709-O-aluno-de-eja-jovem-ou-adolescente.html>. Acesso em 27/01/2021, às 13:34h.

FONSECA, P. M. D.; LUCAS, T. N. S. **Violência Doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. Salvador, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, coleção leitura – edição 25 – ano 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido: Alfabetização – Métodos 2. Alfabetização – Teoria I. Título II.* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, coleção leitura – edição 17 – ano 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra – ano 1967.

G1. Educação/Elida Oliveira. **Mais da metade dos Brasileiros de 25 anos ou mais ainda não concluiu a educação básica, aponta IBGE.** Notícia publicada no site G1 GLOBO, em 20/06/2019, no endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/19/mais-da-metade-dos-brasileiros-de-25-anos-ou-mais-ainda-nao-concluiu-a-educacao-basica-aponta-ibge.ghtml>. Data de acesso 14/03/2020 às 08:04h.

G1. **O Portal de notícias da Globo:** Comunicação e Participações SA. <https://g1.globo.com>. 31/10/2019. Acesso em 27/01/2021 às 15:29h.

GALVÃO, A. M. de O. PIERRO C. DI. **Preconceito Contra o Analfabeto.** 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

Geovana Tayna Miranda / Acadêmica do 1º ano de Direito na Universidade Paranaense (UNIPAR) Campus Francisco Beltrão ano /2015. <https://www.geledes.org.br/violencia-contr-a-mulher-a-verdade-por-tras-da-visao-social>. Data de acesso: 26/02/2020 às 18:31h.

LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

MEDEIROS Mariana da Mota. **Direito de Ser: Formação e Experiencia na Educação de Jovens e Adultos.** Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. 2018. Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Analfabeto na Sociedade Letrada: Diferenças Culturais e Modos de Pensamento.** *Travessia*, São Paulo, v.5, n. 12. Jan.abr.1992.

PALÁCIOS, Jesus. **O Desenvolvimento Após a Adolescência.** In: COLL, C. et al. (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva.* Porto Alegre: Artmed, 1995.

PEDRALLI, R. e CERUTTI-RIZZATTI, M. E. **Evasão Escolar na Educação de Jovens e Adultos: Problematizando o Fenômeno com Enfoque na Cultura Escrita.** RBLA, Belo Horizonte, v. 13, 2013.

PESCE, Lucila & Abreu, Claudia B. de M. **Pesquisa Qualitativa: Considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores**. Revista educação e Contemporaneidade. v. 22, n. 40, jul-dez.

UNYLEYA. Blog da Faculdade. https://blog.unyleya.edu.br/guia-de-carreiras/entenda-4-causas-do-desemprego-e-capacite-se-para-fugir-dele/#1_Crise_economica. Data de acesso 12/01/2020 às 14:56h.

UnB. Repositório institucional. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9311?mode=full>. Data de acesso 22/01/2021 às 15:18h.

ANEXOS

Turma da EJA (RP-EJA)

Apresentação do Filme.



Finalização da Ação Pedagógica



Educandas na aula de Artes



Orientações ao aluno: momento da Atividade escrita da AP.

